

# Prazer da leitura

Foi lançado recentemente o número quatro da revista Cadernos de Teresina, publicação da Fundação Monsenhor Chaves, administrada por Eugênia Maria Parentes Fortes Ferraz. Logo de entrada, temos entrevistas valiosas com arquitetos piauienses, um esboço histórico do teatro piauiense, cem anos de um poeta vivo: Fernando Pessoa, o comportamento social em Teresina. Em seguida Villa-Lobos Meu Amigo - de Reginaldo Carvalho, a função estética do folclórico na música erudita, poemas de Rê Moura Campos, Luiz Valadares, Cláudia Tenório, Arestides Rodovalho. Temos ainda fontes sobre a escravidão no Piauí, Mimbo: mito e realidade, artes plásticas com Nonato Oliveira, Fred Ramos, mes-



tre Argeu da Parnaíba, Arnaldo Albuquerque com a história em quadrinho Num se pode. As matérias são ilustradas por Heloísa Cristina, Jerônimo Ribeiro, Grandvile. Fotos de Alcide Filho, Paulo Gutemberg e Jaqueline Dourado. Colaboração: Gorete Mendes, Edmilson Caminha Jr., Claudete Miranda, Emmanuel Coelho Maciel, Teresina Cortez, Alcebíades Costa Filho, Noé Mendes, Ronaldo Reis, Geraldo Borges, Kleiton Marinho. Vale a pena conferir o último número da revista Cadernos de Teresina, coordenada por José Airton Gonçalves Gomes. A revista é, inegavelmente de muita importância para os estudantes e pesquisadores e quem ler com o prazer da leitura.

# Estante de livros

## DOIS BEST-SELLERS

"Tempestade Vermelha", de Tom Ciancy, de "Justiça Selvagem", de Wilbur Smith, são dois lançamentos da Editora Best-Seller que devem entrar na lista dos mais vendidos. O primeiro, com mais de um ano nas listas de best-sellers dos EUA — com mais de 10 milhões de exemplares vendidos — conta a história duma guerra moderna, com todo o seu arsenal de fatos, situações, tramas, perigos e destruição e extermínio do homem e do próprio planeta. O segundo narra uma história em que entra o terrorismo, este monstro que tanto nos preocupa hoje, e aqui o sequestro de um avião jumbo, com 400 passageiros a bordo, por uma loira infernal, que dirige o sequestro com dura frieza profissional.

## LIVROS SOBRE ÍNDIOS

Chegaram alguns livros em nossas livrarias abordando a vida e situação do índio brasileiro. Entre essas obras anotamos: "Índios da Amazônia" de autoria de Carlos de Araújo Moreira Neto, um ensaio que cobre um período que vai depois das missões até o da borracha, mostrando que esse tempo serviu na afirmação do índio, isto é, para o seu status de tapuí, e que a cabanagem deserviu a este, porque o excluiu da sociedade amazônica. O lançamento é da Editora Vozes, que também entregou a seu público leitor "Suma Etnológica Brasileira", tendo como editor Darcy Ribeiro e coordenador (2 Tecnologia Indígena) Berta G. Ribeiro, com artigos de sumidades. É a 2ª edição,

que conta também com a Finep. Por fim, descobrimos "Aprenda a Viver com os Índios" de Moysés Paciornik, Editora Espaço e Tempo, mostrando o parto de côcoras, o desempenho sexual, a ginástica índia e o comer e o beber, enfim alguns procedimentos dos índios que servem para nos orientar neste mundo de hoje, violento, fazendo-nos voltar à origem.

## POLICIAIS

Com os títulos de "O Vazio Mar de Cobre" e "A Tragédia Blackwell", respectivamente de autoria de John D. MacDonald e Ross Macdonald, a Companhia das Letras colocou no mercado livreiro dois excelentes romances policiais, por atingirem uma linguagem de escritor de grande porte e pela realidade dos tipos

humanos que aparecem — os detetives Travis McGee e Lew Archer, além da turma muito boa dos casos. São policiais que devem ser lidos com atenção pelo leitor para aprender que muitas vezes o romance policial é também livro de valor literário. Este não só são policiais de primeira, mas bons livros, no gênero que se tomar.

## PEÇAS DE TEATRO

Pela Editora Nova Fronteira, de Antônio Callado, "A Revolta da Chibata", com mais 3 outras peças sobre a nossa escravidão, ou melhor, 4 peças de Teatro Negro, no Centenário da Abolição. É a 2ª edição, já. Presença do negro em nosso País, estudo das raízes, procedimentos e atitudes do preto, em linguagem moderna.

# Poesia

## ASAS DE FOGO

José Ribeiro e Silva

Cavalgo no dorso dos sonhos e mergulho na amplitude de luzes e de sombras da solidão dos segredos infinitos.

Asas de fogo conduzem o corcel mágico e o seu cavaleiro andante pelo Paraíso e pelo Inferno. Na cavalgata ingente dos poetas.

Pedaços de nuvens trago no embornal de couro já pobre e tão vazio de estrelas da viagem que se renova aos confins do meu mundo de mistérios!

## ALAZAO

Por onde andas, por onde troças Em que tempo hoje faz tua aurora Quem montou do teu lombo agora Que estribarria mora Não lembra de outrora? Quando eras alazão E galopava feito corcel na escuridão Na procura incessante de um clarão Que se iluminava na agonia do sertão On de todo molhado, descampado Te fazia saciado Na fome, na sede de um lobisomem Da meia-noite, do meio-dia, da madrugada Amazona Arfada Agarrada na tua calda fina e delicada Um sonho desembestava Até o fim da cavalgada... Adiante e agreste te acalmava Pois a estrada findava E já apeado, Teu cansaço serenado Teu sono roncado Sem as rádios do passado O sol irradiava Um sorriso iluminado

Laura Accyoli

## APELO

Moreno do olhar múltiplo me deixa morrer sem repúdio espriar meu sonho imenso esquecer a sensação tenso te amar de noite e de dia sentir nessa anatomia o cheiro mais puro do jasmim que sei, foi feito pra mim.

Deixa eu perder-me no teu abraço sentir do teu beijo o braso de uma paixão sem limite. Deixa eu pensar quem transmite força maior de amor.

Quero mostrar o calor que me arde aqui no peito e que pra mim só há um jeito: Amar-te... amar a ti que me veio em noite e de lua testem unindo o fazejo de um exclusivo desejo de ser apenas TUA.

Maria da Purificação

## SILÊNCIO

Dagmar Alencar Caldas

O silêncio das noites de insônia, Nossa mente se une a ti e trabalha, E o computador da vida registra tudo, O registro é tão perfeito, nada falha.

As alegrias, os ventos da vida, O silêncio, digita os fatos com perfeição, Só o silêncio nos eleva a Deus, No meio do caos da vida, silêncio e oração.

E a concentração perfeita está em ti silêncio, Quando com Deus conversamos abertamente, Os grilos do nosso ego, falam tudo de uma vez, Foi o silêncio que abriu nossa mente.

## O AMANTE MADURO

O amor distraído ceifa de tarde o amante maduro. Seus cavalos de campo rompem na paz de quem só o ônibus espera. E árdego e breve cavaleiro o amante entristece a tarde. Quantas vezes ao longo desta fila os seus olhos incertos repetirá o amor. E o amante em quantas tardes saberá de novo captar-lhe os seustos. E contido perder-se.

H. Dabal

# O ESTADO cultural

Suplemento de O ESTADO

Piauí, 15-05-1988

Não pode ser vendido separadamente



## Conversando com José Rodrigues

“Tentaram esvaziar minha parceria com o Aurélio e não conseguiram”

# Um cartum de Dodó Macedo



# Reportagem de capa

## Conversando com José Rodrigues



falta de compreensão de alguns componentes, que eram nove ou oito na época, e às vezes eu percebia que alguém tentava jogar-me contra o meu parceiro Aurélio, já que a maior parte das músicas eram compostas por mim e por ele. Até mesmo pessoas que não faziam parte do grupo, tentavam gerar um clima desagradável entre nós dois, mas nunca conseguiram, pois estou fora do Grupo Candeia, mas ainda hoje continuamos a compor juntos. Acredito que o sucesso estava incomodando as pessoas, eu então partir para não incomodar o nosso sucesso e não conseguir. Quando o Suíte de Teresina foi lançado eu já estava fora do grupo, mas a maior parte das músicas são minhas e do Raimundo Aurélio. Então você sente que tentaram esvaziar a parceria e terminaram não conseguindo.

### POLÍTICA CULTURAL

A política cultural do nosso Estado poderia ser mais aberta aos artistas, porque nós fazemos a cultura e arte do nosso país. As coisas giram muito em torno de "igrejinhas". Para você ter uma idéia, fiquei fora de dois discos lançados pela Secretaria de Cultura. O primeiro sob coordenação de George Mendes, que foi o Geléia e agora, o Cantares. A coisa só funciona se for coordenada com respeito aos artistas. As pessoas acham que devemos mendigar por nosso espaço, quando é o contrário. O artista deve mostrar o seu talento e com isso ser respeitado. Aqui tudo é o contrário, acho até que Torquato estava certo quando escreveu: "Aqui é o fim do mundo". Mas, apesar de tudo, nós, artistas temos o dever de mudar esse pensamento mesquinho, fazendo e refazendo a música, a pintura, a poesia, o discurso de cada dia.

### A POESIA DE JOSÉ RODRIGUES

#### LANCE

Vendo tuas pernas  
nelas lendo minha terra  
elas sendo tua cara  
me sorrindo  
conquistante e tema  
sendo linda pra fazer  
a cabeça só querer  
essa beleza tão rara.

#### OCASO

A vida é um ocaso  
por que rimos pra uma noite  
sem lua cheia  
nem minguante  
nem sereno e nem sereno  
sem instante.  
Mas um dia se amanhã será  
(na reencarnação)

#### MIRANDO

No rubro  
dos teus olhos de conjuntiva  
a estranha sensação de ter  
em pleno século vinte  
No fundo dos teus olhos rubro-negros  
meu medo  
de me apaixonar precocemente.  
Fico tremulo  
na menina-moça dos teus olhos  
flamengo.

#### ARMADILHA

O gato no telhado  
faz: MIAU!  
O rato do seu lado  
disse: TCHAU!  
Mas o rato não sabia  
que adiante existia,  
em cima do cumleiro,  
tanto sossa quanto forte  
doída pra lhe dar um bote  
uma ENORME raqueira.

## É preciso abolir a exploração social

Eneas Barros

Nesse 13 de maio, em todo o Brasil ecoaram os tambores pela comemoração de 100 anos de abolição da escravatura. Entidades procuram levantar questões acerca da situação do negro no país e discutir as evidências e camuflagens do racismo tupiniquim.

Todo esse alarde em função de uma data histórica me trouxe uma questão curiosa: comemorar os 100 anos de abolição não será uma forma de racismo oculto?

O fato se apresenta, de certa maneira, como uma espécie de "favor" que foi feito aos negros. Hoje, portanto, comemora-se a liberdade, os 100 anos de uma vida sem cativeiro, considerando-se o sentido puramente legal: apenas mais uma Lei foi promul-

gada, cheia de artigos que reproduzem o óbvio.

Não há que se comemorar 100 anos de abolição da escravatura, porque essa é a forma mais perfeita de se reconhecer que as diferenças de classe e de cor ainda são fortes no país.

Senão, vejamos. Toda essa festa em torno da situação negra é como limpar a casa e jogar o lixo em baixo do tapete. É mais ou menos o que a EMBRATUR está procurando fazer com a campanha "O Rio Continua Lindo", na medida em que mostra aos estrangeiros que os problemas de enchentes e violência urbana são coisas do passado.

Na verdade, não há uma situação isolada do negro no país, como se os 100 anos de abolição fos-

sem mais uma vitória da luta contra os preconceitos. A situação negra está inserida no sistema social vigente, que marginaliza não apenas os homens de cor, mas toda a população que não tem acesso aos meios de produção e que vende a sua força de trabalho por um preço vergonhoso, exatamente porque não tem poder nem representatividade.

Não considero que comemorar 100 anos de promulgação de uma Lei seja motivo de questionamento ao racismo e à situação do negro. Acredito que seja necessário contribuir para uma transformação radical dos poderes político e econômico, para que a sociedade possa comemorar a abolição da exploração e da miséria em que está mergulhado o país.



## Troféu Juca Pinto

O Movimento Asa da Liberdade, coordenado por Virgílio Queiroz e Sônia Setúbal, que tem como objetivo divulgar e promover encontros de artistas e escritores, escolheu como intelectual do ano (Prêmio Juca Pinto), o jornalista Chico Viana de O ESTADO e TV Pioneira. Além

de Chico Viana, receberão troféus, Lena Rios, Paulo Moura, Didímo de Castro, Gilmar Alves, Ral, Joel Silva.

Segundo Virgílio Queiroz, o troféu Juca Pinto, "é uma espécie de Juca Pato, numa maneira de reconhecermos os valores de quem

vem se destacando na área jornalística, política e cultural".

A entrega dos troféus será dia 19 próximo, no Palácio da Cultura, após a conferência "A Importância da Cultura nos Meios de Comunicação", por Israel Correia, professor e ex-secretário de Cultura.

O principal compositor do Grupo Candeia, professor de música, na Escola de Música.

Autôr da música mais festejada do Piauí "Teresina", em parceria com Raimundo Aurélio, autôr de três excelentes livretos da Literatura de Cordel, José Rodrigues conversa com o editor de Cultura de O ESTADO, Ral, sobre o Grupo Candeia, Música Popular Piauiense, Literatura de Cordel, Política Cultural e seus parceiros. Tímido na sua raiz nordestina, José Rodrigues é considerado um dos maiores músicos do Piauí. Iniciou sua carreira musical na Banda de Música da Escola Técnica Federal do Piauí. Confira a conversa...

### MÚSICA PIAUIENSE

Nos últimos anos, a música piauiense teve uma grande evolução. As pessoas passaram a estudar mais harmonicamente, se preocupando com melhores arranjos e com a própria criação da melodia. Talvez, isso seja fruto da experiência de terem gravado fora do Piauí, conhecendo novas técnicas, novas formas de composição. O Grupo Candeia, que antes era criticado por fazer uma música regionalista, hoje está sendo aceito. O caminho realmente é esse: trabalhar a música regionalista. Muitos compositores que antes não aceitavam a filosofia de trabalho do grupo, hoje, depois de um certo ranço, estão seguindo o mesmo ritmo do Candeia, pois para ser universal não é preciso imitar o som que vem de fora, pode-se fazer uma música regionalista universal.

### MEU INÍCIO NA MÚSICA

Meu interesse pela música aconteceu na Escola Técnica Federal do Piauí, quando fizemos a Banda de Música, nos anos 70. A Banda era regida sob a batuta do maestro Luiz Santos, a partir daí começou o meu empenho em criar algumas músicas. Depois descobrir que podia fazer algumas letras e comecei a compor. Vieram os festivais e aconteceu o inesperado: as músicas surgiam como uma fonte, senti todo o cotidiano que me cercava e fui compondo cada vez mais. Com a Banda de Música da Escola Técnica, considerada uma das melhores do Piauí, aprendi o bastante e a maior prova foram os prêmios que ganhei participando de festivais da época.

### PARCEIROS

Tenho muitas composições. A minha primeira parceria surgiu de um encontro com Lourival Veloso, depois a inspiração chegou perto de muita gente boa e foram alcançando vãos e acontecendo as parcerias com Vitorino (excelente músico da Banda da PMT), Solange Veras, Geraldo Brito, Normando, Paulo Aquino, Robeni Miranda e os poetas Paulo Machado, Carvalho Neto, William Melo Soares e João Luiz Marques. Um dos parceiros mais interessantes é o Raimundo Aurélio, compositores muita coisa, inclusive fizemos qua-

del, e a partir da pesquisa fiz meu primeiro folheto publicado, "Cantata Nordestina", apresentado no show Cantavento, pelo Grupo Candeia, no Teatro 4 de Setembro. O cordel Cantata Nordestina foi muito aplaudido pelo público. Foi uma noite memorável não só para mim, mas para todo o Grupo. O cordel sempre me encantou. Nas noites de festas juninas, eu ficava encantado com as fogueiras e rojões, sentia tudo e escrevia em forma de cordel.

### PAIXÃO PELO CORDEL

Acho que nasci com certo jeito para a viola. Na adolescência eu já brincava de fazer cordel. Depois passei a pesquisar tudo o que existia sobre literatura de cor-

del, e a partir da pesquisa fiz meu primeiro folheto publicado, "Cantata Nordestina", apresentado no show Cantavento, pelo Grupo Candeia, no Teatro 4 de Setembro. O cordel Cantata Nordestina foi muito aplaudido pelo público. Foi uma noite memorável não só para mim, mas para todo o Grupo. O cordel sempre me encantou. Nas noites de festas juninas, eu ficava encantado com as fogueiras e rojões, sentia tudo e escrevia em forma de cordel.

### DEIXANDO O GRUPO CANDEIA

Uma das razões que contribuíram para que eu deixasse o Grupo Candeia foi a

## Contos

# A ponte

Franz Kafka

Eu estava teso e frio, eu era uma ponte, deitado por cima de um abismo. No lado de cá, estavam fincadas as pontas dos pés, no lado de lá, as mãos, cravei os dentes num barro que se esborrava. As abas do meu casaco esvoaçavam a meus lados. Lá no fundo esbravejava o gélido arrio das trutas. Turista algum iria perder-se naquela altura intransitável, a ponte ainda não fora marcada nos mapas. — Assim, fiquei deitado, esperando; tinha de esperar. Sem desabar, nenhuma ponte, uma vez lrigida, pode deixar de ser ponte.

Foi uma vez à tardinha — se foi a primeira, se foi a milésima, não sei — meus pensamentos

andavam o tempo todo confusos, e sempre em círculo. A tardinha, no verão, o riacho rumorejava mais soturno, foi então que ouvi passos de um homem! Para cá, para cá — Espicha-te ponte, coloca-te em posição, viga sem corrimões, segura aquele que te é confiado. Equilibra imperceptivelmente a insegurança de seus passos, se ele porém vacilar, então dá-te a conhecer e, como um deus das montanhas, lança-o à terra.

Ele veio, bateu-me com a ponta de ferro de seu bastão, depois ergueu com ela as abas do meu casaco, ordenando-as em cima de mim. Enfiou a ponta em meus cabelos tuçados e, provavelmente olhando desorientado em volta, deixou-a ficar

ali por longo tempo. Depois, porém — eu estava justamente a acompanhá-lo em meus sonhos por sobre montes e vales —, saltou com ambos os pés bem no meu ventre. Estremeci, tomado de uma dor atroz, totalmente sem saber que ele era. Uma criança? Um sonho? Um salteador? Um suicida? Um tentador? Um exterminador? E virei-me para olhá-lo. — Uma ponte que se viral! Eu ainda não tinha completado a volta, e já fui despencando, despencando, e já fui dilacerado e espetado pelos seus pontagudos que sempre me haviam fiado tão pacificamente através das águas impetuosas. (Tradução de Betty M. Kunz, Para Gostar de Ler - Ed. Ática).

## Estamos conversados?

(Ricardo Ramos)

Apesar de ter peito, Sérgio não estava calmo. Sentia um frio na espinha. E se o homem reguasse mais, que isso armasse escarceu, botasse pra quebrar? Seria um deus-nos-acuda. Com tudo a que tinha direito: escândalo entre os colegas, os professores, a própria diretoria.

Que bicho ia dar? Sei, não, mas vamos nós. Eu sou mais eu.

E foi, passando pelo portão, alegremente, e seguindo amável, sorridente, e nos entremios assobiando fagueiro. O rapaz despreocupado, o simpático de sempre. De malha jogada no ombro, porque já esquentara desde cedo, além de ser necessária. Posso dar a gorinha mesmo. O que será, que será? Vou direto ao assunto, não vou, abordo o homem de escanteio, de passagem, assim:

— É isso: a malha e trezentos.

O bedel ficou olhando para ele, sem piscar.

— Tudo junto, por três provas: Matemática, Física e Química.

O bedel continuava imóvel, somente olhando e ouvindo.

— Trezentos e a malha. Ninguém vai saber.

Sorrindo o sorridente: — Depois de mais dinheiro.

O bedel, até que enfim, se abriu: — Quanto mais? Sérgio foi magnânimo:

— Prova a prova. — Trezentos cada uma?

— O senhor está doendo? Trezentos pelas três. Cem cada uma que a gente pedir.

Uma pausa sofrida, Sérgio olhando para o movimento de alunas, as árvores, as nuvens, o be-dej calculando.

— Trezentos, quando?

— Amanhã. A malha agora, pode ficar.

O bedel espiou dos lados, apreensivo, e exclamou:

— Eu ficar com sua malha! Aqui? E o que é que vão dizer?

Sérgio bateu pronto: — Se alguém reparar, eu deixei para o senhor guardar.

Apaziguado, seu João recebeu a malha. Enfim proprietário. Sérgio reparou na sua expressão, uma beleza de se ver. E prometeu justamente firme:

— Amanhã de manhã, trezentos. E o senhor me entrega as provas.

O bedel acenou de cabeça, combinado. Mas subitamente estremeceu, amedrontado, e largou:

— Eu passar pra você na frente de todo mundo?

Sérgio riu: — Qual o lugar melhor? Ponha num envelope, eu abraço o senhor, pego e ponho na minha pasta. Na frente de todos, sim. Normalmente.

Seu João foi recebendo, abrindo um sorriso.

tranquilizou-se. Esse menino é fogo, seu rosto dizia. Sérgio recebeu aquela admiração, decerto primária, e só então ficou à vontade. E reparou que pingava de suor. E por cima da carne seca, enfim se mostrou natural, tanto que insistiu:

— Amanhã, trago sua bolada.

O bedel agradeceu com os olhos, estava mesmo pela bola sete, e se apartaram. Felizes.

Cada um com a sua migração: João o dinheiro, Sérgio as provas. Pode haver acordo melhor?

Entretanto, o bedel teve problemas. Confundi o trabalho diário, não disse nada quando chegou em casa, nem dormiu direito. Sérgio também não esteve normal, nem riu nem assobiou, até ficou esmiado.

— Que diabo inventou esse homem? - perguntou-se a mulher de João.

— Que diabo mordeu esse menino? - estranhou a mãe de Sérgio.

O bedel esperou a manhã seguinte, pelo dinheiro na mão. O rapaz arrecadou o mesmo, que se materializou a tempo, e foi entregue, tudo bem, mas surgiu um imprevisto em seguida. Inesperado maior. Examinando as provas, apenas as questões, faltava resolver: quem iria responder às perguntas?

(Fragmento do livro "Desculpe a Nossa Falha" Editora Scipione)